

UM FURACÃO CHAMADO HILDA

Uelba Alexandre do Nascimento¹

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

uelba_ufcg@yahoo.com.br

*“Para que começar / O que já estava acabado
Para que persistir / Se é fato consumado
Sacrifícios eu não farei / Nem você também
Insistir nesse amor eu já sei / Não nos convém.
A renúncia é um dom / Que eu trago do berço
Tudo que há de bom / Eu já vi não mereço
A beleza da vida é sonhar / A tendência da nuvem é passar
Sendo assim as estrelas do céu / Voltarão a brilhar.”²*

Com o início da Segunda Guerra Mundial em 1939 e o envolvimento do Brasil nela a partir de 1943, instalou-se na cidade de Campina Grande, na Paraíba, o 1º Grupo de Obuzes, uma unidade militar responsável pela guarnição da cidade nestes anos de guerra. Com isso, aumentou o número de militares circulando pelas ruas e, conseqüentemente, o número de soldados que buscavam divertimento e sexo.

As ruas da Mandchúria³ viviam sempre cheias, especialmente nos finais de semana, o que gerava grande lucro não só para os cabarés mais sofisticados como também para pequenos comerciantes e pensões alegres mais acessíveis aos populares.

E se aumentava o número de homens circulando, aumentavam também as disputas amorosas e, especialmente, a “autoridade” dos militares sobre os populares. O que os militares não conseguiam entender é que, circulando pelo meretrício com ou sem a farda, eram tratados como clientes em potencial assim como os outros: “*Um ponto*

¹ Uelba Alexandre do Nascimento é graduada em História pela UFCG, mestre em Ciências Sociais pela UFCG e doutoranda em História pela UFPE, desenvolvendo trabalhos sobre Prostituição e Boemia em Campina Grande, Paraíba. Atualmente é professora substituta no curso de graduação em História pela UEPB.

² “Renúncia” (1942), composição de Marino Pinto e Mário Rossi, cantada por Orlando Silva.

³ Mandchúria era como se chamava o local de prostituição na cidade de Campina Grande entre os anos de 1930 e 1950. Para maiores informações ler NASCIMENTO, Uelba Alexandre. **O Doce Veneno da Noite: Prostituição e Cotidiano em Campina Grande (1930-1950)**. Campina Grande: EDUFPG, 2008.

óbvio é que as prostitutas prestavam seu serviço a policiais, que faziam parte do universo de homens jovens que caracterizava a cidade.”⁴

O relacionamento entre prostitutas e policiais era algo comum na zona de meretrício de Campina Grande, seja ele amoroso, econômico, de amizade ou de barganha. Quase sempre encontramos nos processos essa intrincada rede de relações quando analisamos casos de envolvimento entre eles. Mas um caso nos chamou a atenção por ser diferente de todos os processos que pesquisamos até hoje: o poder de sedução da meretriz Hilda Magalhães Paiva e seu “colóquio” amoroso com o capitão do 31º Batalhão de Caçadores, José Praxedes dos Santos.⁵

Hilda era muito bonita no auge dos seus vinte e poucos anos. Era o protótipo de mulher que atraía especialmente porque era bem diferente das outras meretrizes: pele morena, cabelos pretos longos e lisos, olhos escuros e um corpo exuberante. Tinha saído de Belém do Pará em 1945 para fazer a vida em outras paragens: Recife, João Pessoa e Campina Grande. Chegou nesta cidade em novembro de 1945 e, logo que a viu, Mme. Carminha Villar não teve dúvidas: chamou-a para trabalhar na Pensão Estrela, de sua propriedade, na rua Manoel Farias Leite, nº 70. Com aquelas feições indígenas certamente faria muito sucesso entre os homens campinenses, logo, traria muito dinheiro para a pensão.

Mme. Carminha estava certa. Assim que ela desfilou no salão da Pensão Estrela, os homens ricos da cidade logo puseram os olhos em Hilda e de início, emplacou um romance com o rico comerciante da cidade, Olívio Rique, e um outro com o capitão Praxedes. Talvez pelo fascínio da patente e a importância de seu cargo, Hilda apaixonou-se pelo capitão, mas continuava com seu romance secreto com o poderoso Olívio Rique.

Sua capacidade de encantar e seduzir os homens era na mesma proporção de sua “periculosidade”: Hilda era contumaz arruaceira e, quando bebia, provocava ainda mais escândalos na pensão, como atesta o depoimento de Mme. Carminha: “*que Hilda bebia muito e havia dias em que se tornava insuportável na pensão, brigando com seus amantes, provocando escândalos*” e no depoimento de algumas de suas pensionistas,

⁴ BRETAS, Marcos Luiz. Op. cit., p. 199.

⁵ Ação criminal nº 2459, ré Hilda Magalhães Paiva, maço 24/01/1946 a 02/04/1946.

como Helena Dantas: “*que Hilda é uma mulher muito errada; que em João Pessoa Hilda já tem cometido muitos absurdos e vive sempre detida por absurdos que comete onde reside.*”⁶

Mesmo assim, era uma fonte de lucros para a cafetina e só por isso Mme. Carminha não mandava ela embora. Mas a situação de Hilda na Pensão Estrela iria mudar naquela noite de 22 de fevereiro de 1946.

Naquela noite, por volta da 1:00 hora da madrugada, enciumada com o capitão Praxedes, Hilda dá-lhe uma bofetada, ao que o capitão respondeu dizendo à ela que “*só não lhe bateria, o que ela merecia, por se tratar de uma mulher, porém que daquela hora em diante, não queria mais negócio com ela.*”⁷

Praxedes saiu dos aposentos de Hilda e foi conversar com Mme Carminha e lhe informou que não se responsabilizava mais pela pensão de Hilda. No entanto, em seu depoimento o capitão afirma que “*(...) mantinha relações sexuais [com Hilda] não tendo, entretanto, nenhuma responsabilidade com a mesma, de vez que Hilda tem um amante rico e não era interessante ao declarante manter uma intimidade afetiva com Hilda.*”⁸ (grifos nossos)

É interessante como o capitão Praxedes parecia querer se isentar da responsabilidade com sua amante. Se ele pagava as contas dela na Pensão Estrela, isso significava que ele era o seu mantenedor, ou seja, assim como nos relacionamentos entre amásios⁹ que o homem devia prover a família, entre as prostitutas era do mesmo jeito. Aquele que mantém uma amante deve responsabilizar-se por ela não só provendo de tudo que ela necessitasse, mas também pelos seus atos. Por isso o capitão afirma que “*só tinha relações sexuais com ela*” porque o papel de mantenedor cabia ao seu “amante rico”. Assim, “não era interessante” para ele ter uma relação afetiva com ela, embora no depoimento de Mme. Carminha ela afirme claramente que era o capitão quem pagava as despesas de Hilda.

⁶ Depoimentos de Maria do Carmo Vilar, 34 anos, solteira, comerciante (cafetina), em 02/04/1946, no Fórum; e Helena Dantas, natural do RN, solteira, 26 anos, residente na pensão de Carminha Vilar, em 23/02/1946, na Delegacia.

⁷ Depoimento de Maria do Carmo Vilar, op. cit.

⁸ Termo de declarações que presta o Cap. José Praxedes dos Santos, natural de Sergipe, solteiro, 34 anos, do 31° BC, no Hospital Pedro I.

⁹ Sobre a relação entre amásios ver o capítulo I desta dissertação, p. 34 e seguintes.

Ainda conversando com a dona da Pensão Estrela, Hilda, arrependida pelo que tinha feito, especialmente porque ia perder o amante poderoso e influente que lhe pagava as despesas, volta para o salão e, utilizando de suas armas de sedução, “(...) *solicitou ao declarante se aproximar aos seus aposentos, a fim de ter com o mesmo um entendimento íntimo e particular; que atendendo a solicitação de Hilda, se dirigiu ao dormitório da mesma e ambos trocaram idéias a respeito de seu afastamento definitivo (...)*”¹⁰

Mesmo com raiva dela, Praxedes não resiste aos encantos daquela morena faceira e sobe novamente com Hilda para o quarto. No meio da conversa, mais um desentendimento. Só que desta vez Hilda se cala e dirige-se a sua penteadeira. Despe-se, como que realizando um *strip-tease*, ficando apenas de sutiã e combinação. Põe um pouco de líquido numa pequena caçarola, sendo observada pelo capitão que estava deitado na cama, achando tudo normal porque acreditava que ela estivesse tomando banho de asseio¹¹.

Hilda se volta para Praxedes e joga-lhe o líquido no rosto e nesse instante o capitão percebe que aquele líquido não era água, e sim álcool. Num impulso, ele levanta-se e vai ao encontro dela ao que Hilda com um fósforo ateia fogo no capitão provocando um incêndio. Desesperada com o que tinha feito, Hilda começa a gritar vendo o capitão pegando fogo. Nesse instante chega ao quarto Arnaldo Bacalhau e Chiquinha Morena, também conhecida como “Chica Boa”, e arrombam a porta do quarto dando passagem para Hilda correr seminua pelo salão. Mme Carminha ainda chama a sua atenção, mas ela sai correndo e entra no automóvel de aluguel de João Ferreira de Sousa.

Chiquinha conseguiu apagar o fogo que incendiava o capitão jogando-lhe uma toalha e em seguida o conduziu para seu quarto conseguindo fazer os primeiros socorros na vítima “*colocando nata de leite sobre as queimaduras e mandando Arnaldo Bacalhau procurar um médico.*”¹²

¹⁰ Depoimento do Cap. Praxedes, op. cit.

¹¹ A prática do banho de asseio era comum entre as meretrizes antes e após as relações sexuais. Sobre esta questão reveja o capítulo II desta dissertação: “De dia Maria, de Noite Madalena.”

¹² Depoimento de Francisca de Araújo Bastos, 26 anos, no Fórum, em 02/04/1946. O capitão Praxedes teve queimaduras de 1º., 2º. E 3º. Graus do rosto ao tórax, no pescoço, olhos, mãos e braços.

Mme Carminha, muito bem relacionada, mandou chamar o Subtenente André Urtigas na rua Siqueira Campos, nº 188, para fazer as diligências e prender Hilda. Mas não precisou que ele saísse a sua procura: ela foi conduzida pelo chofer de volta a Pensão Estrela. Vejamos o que aconteceu com ela após cometer o crime, na narrativa do capitão Antônio do Amaral Bragança¹³, encarregado do relatório policial:

“... tomou o automóvel de aluguel, de chapa 921, dirigido pelo motorista profissional João Ferreira de Sousa, que estava estacionado na porta da pensão, mandando-o dirigir-se para o Edifício Sibral, situado na Av. João Pessoa; no meio do percurso Hilda pediu ao motorista para levá-la à residência de Olívio Rique; não sendo atendida, foi para o Edifício Sibral, onde ficou, mandando o motorista chamar Olívio Rique, com quem ela dizia precisar falar...”

Note-se aqui dois aspectos interessantes: primeiro, o fato de que nas pensões alegres e cabarés mais chiques da cidade sempre havia motoristas de aluguel parados em frente a essas casas, o que demonstra que a profissão de chofer também se beneficiava da prostituição e estavam sempre à disposição das Madames e seus ricos “amigos” para o que quer que fosse, afinal, elas eram clientes endinheiradas e em potencial desses profissionais. Aliás, os choferes pareciam seguir o itinerário “do poder e do dinheiro”, devido aos deslocamentos das praças de automóveis pela cidade, como afirma Fábio Gutemberg R. B. de Sousa:

“Do início do século aos anos 1920, o centro político e econômico da cidade gravitava em torno do palacete de Cristiano Lauritzen, na praça Eptácio Pessoa, o que paulatinamente foi se modificando nos anos 1930, quando vê-se o seu deslocamento em direção às ruas João Pessoa e Marquês do Herval, que concentravam o comércio no atacado e,

¹³ Relatório policial escrito em 25/03/1946.

especialmente, o comércio do algodão. Por fim, com a derrocada dos casarões coloniais da Macial Pinheiro, na primeira metade dos anos 1940, encontramos as elites com suas moradias e clubes em outras ruas e com seus rituais nos cafés, confeitarias, cinemas e bares localizados em torno da praça da Bandeira, onde ficavam até certas horas da noite, quando então alguns rapazes e senhores se dirigiam ao Cassino Eldorado. Os choferes e os autos que conduziam pareciam seguir as trilhas do poder, inclusive até os cabarés.”¹⁴

O segundo aspecto diz respeito à atitude ousada de Hilda de ir procurar o seu “amante secreto”, Olívio Rique, na madrugada, seminua. Primeiro dirige-se ao prédio de sua propriedade e em seguida a sua residência, querendo acordá-lo. Como o chofer achou inconveniente chamar o comerciante àquela hora, voltou para o Edifício Sibral e recebeu ordens da Hilda para chamar Olívio Rique em sua residência.

Era não só ousadia, mas atrevimento. Como é que uma meretriz, de madrugada, quase despida, vai até a casa de um homem da sociedade? Claro que não ia pegar bem para a reputação dele, especialmente para sua família. Por isso Olívio, em depoimento a polícia, diz que “*conhecia Hilda como pensionista de Madame Carminha, porém, não sabe a que atribuir o fim que ela tinha em vista ao procurá-lo tão insistentemente após o cometimento do fato, seja no apartamento que aluga no edifício Sibral, seja na firma onde ele trabalha.*”

Voltemos ao itinerário de Hilda naquela madrugada: “... *sem esperar o regresso do motorista Hilda foi a praça da Bandeira, onde agarrou o civil Raimundo Aragão, pedindo-lhe para levá-la para casa; surpreso, aquele senhor levou-a até o automóvel de aluguel de chapa 917 e disse ao motorista, Antônio Pantaleão Martins, para a conduzir para onde ela quisesse...*” (grifo nosso) Note-se que Hilda mais uma vez utiliza-se de seu poder de sedução e, seminua, agarra-se com um popular, certamente fazendo-se de vítima, e pede-lhe que a leve para casa, como se fosse “uma donzela em

¹⁴ SOUSA, Fábio Gutemberg R. B. de. “O mundo dos choferes”. Op. cit, p. 119-131.

perigo”. Cavalheiro, o senhor Raimundo fala com o motorista Antônio Pantaleão para levar Hilda “onde ela quisesse.”

“Quando o automóvel estava em movimento Hilda mandou o motorista seguir para a cidade de João Pessoa, sem parar no caminho, dando-lhe um colar de medalha, que disse valer mil cruzeiros, como pagamento; ao passar pela prensa de algodão da firma Araújo, Rique & Cia., Hilda mandou parar o automóvel e, mais uma vez, procurou Olívio Rique, pedindo ao vigia para lhe acordar; não sendo atendida, ordenou o prosseguimento da viagem para a cidade de João Pessoa, porém, o motorista desconfiado que a passageira tivesse cometido algum crime deu volta ao automóvel e foi para a pensão de Madame Carminha; lá chegando e mal havia parado, o automóvel foi cercado por elementos da polícia e o Sub-Tenente André Severino Urtigas, da força pública estadual, prendeu Hilda em flagrante (...) conduzindo-a , no mesmo automóvel, para a delegacia de polícia desta cidade, onde ficou presa.” (grifos nossos)

Naturalmente presa em flagrante delito, Hilda não poderia sair da cadeia. No entanto, todos na delegacia sabiam que ela era a amante do capitão Praxedes e por isso, não lavraram o auto de prisão em flagrante, que impediria sua saída da cadeia. Como ela já havia “conquistado corações” dentro da polícia, não só o do capitão, rapidamente chega a delegacia seu advogado Hiaty Leal com um *habeas-corpus* para soltá-la antes mesmo da lavratura da prisão em flagrante ser expedida. Vejamos como é narrada esta “falha” da polícia pelo capitão Antônio do Amaral Bragança:

“Apesar de ter sido presa em flagrante delito Hilda Magalhães Paiva foi logo depois assistida por um advogado que, incontinenti, requereu ao Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da 2ª Vara uma ordem de habeas-corpus a seu favor, que foi

concedida, devido a uma graciosa informação prestada pelo primeiro suplente de delegado de polícia, em exercício, muito antes de expirar o prazo legal para a lavratura do auto de prisão em flagrante. Essa informação parece ter sido dada com muita pressa, pois, nem mesmo uma cópia da mesma ficou no arquivo a delegacia de polícia desta cidade.” (grifos do processo)

Percebe-se claramente o movimento que os policiais militares fazem para soltar a “ilustre” presa, o que irritou profundamente o capitão Antônio, que queria vê-la atrás das grades. Como grande parte deles já a conhecia até mesmo no sentido bíblico, sabiam que se a ajudassem, poderiam receber “aqueles favorzinhos” e mais sua “eterna gratidão”, não só em termos, digamos, corporais, mas financeiros também, pois Hilda era uma das poucas mulheres da zona que ganhava muito dinheiro.

O capitão Antônio, percebendo toda essa armação, denuncia, em seu relatório, essa verdadeira “sabotagem” realizada bem ali, na cara da justiça:

“Acresce, ainda, que as autoridades policiais, por motivos misteriosos, sabotaram a ação da justiça civil, não lavrando o auto de prisão em flagrante de Hilda Magalhães Paiva, não obstante ela ter sido presa em flagrante e o seu prendedor ou condutor, Sub-Tenente Urtigas, haver mandado acordar o primeiro suplente de delegado de polícia, em exercício, Sr. João Elpídio da Cunha, que falou com o escrivão Manoel do Ó Junior, sobre a necessidade da lavratura do auto de prisão em flagrante, sem, todavia, o lavrar, no que pese o fato do condutor, Sub-Tenente Urtigas, permanecer na delegacia de polícia entre as três e quinze horas do dia 23. Só mesmo de má fé podia o delegado de polícia em exercício agir desta maneira tão prejudicial à justiça.” (grifos nossos)

Ainda com tom de indignação, o capitão continua seu relatório mostrando que até mesmo o delegado Major Ademar Nasiasene, quando reassumiu suas funções, não agiu corretamente com a justiça e não lavrou o termo da prisão em flagrante, apesar do prazo ainda estar em vigor. A esta altura, o hábeas-corpus já se encontrava nas mãos do Dr. Hiaty Leal na espera de ser posto em vigor, vejamos:

“Mesmo assim [ainda estando dentro do prazo] o Sr. Delegado de polícia efetivo não tomou qualquer providência para sanar as irregularidades praticadas por quem o substituiu durante a sua ausência eventual, limitando-se a instaurar um inquérito que foi concluído rapidamente, no qual pediu a prisão preventiva de Hilda, parecendo haver fundamento esse pedido no fato da vítima ser alta patente do Exército, conforme se depreende pelo ofício do Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da 2ª. Vara. Sem fundamento legal, o pedido de prisão preventiva foi negado. A vista disso tudo foi que o encarregado do inquérito policial militar levou as irregularidades verificadas ao conhecimento do Sr. Comandante do 31º. BC, para a salvaguarda da justiça.”
(grifos nossos)

É impressionante como até mesmo o delegado Ademar Nasiasene não percebe o erro e pede a prisão preventiva de Hilda sem ter sido lavrado o auto de prisão em flagrante. A ironia utilizada pelo capitão Antônio reflete muito bem esse descaso, porque o delegado, achando que a patente do capitão Praxedes resolveria tudo, expede uma solicitação ao juiz de prisão preventiva sem nenhum fundamento legal e por isso mesmo foi negado. Dias depois é que o encarregado do inquérito percebe o erro e leva ao conhecimento do comandante do 31º Batalhão de Caçadores. Essa foi uma astúcia da polícia que ficou registrada para a posteridade, especialmente em se tratando de uma mulher tão bonita como Hilda.

Mas as estratégias e astúcias envolvendo Hilda e seus parceiros não acabam por aqui. Apesar de ter sido condenada a quatro anos de reclusão, a serem cumpridos na

cadeia da capital paraibana, ela ainda consegue outras “proezas” com sua arte de seduzir e, como diria Antony Giddens ¹⁵, utilizando de sua “sexualidade plástica” e descompromissada para se envolver com o preso mais “carregado” da cadeia, Pedro Alves de Lima, conhecido por Pedrão, que mandava e desmandava na cadeia de Campina Grande, saía à noite para farrear nos cabarés e voltava bêbado para dormir na prisão; torna-se a “protegida” do delegado Ademar Nasiasene e, de quebra, mantinha um, ou melhor, três casos fortuitos com os carcereiros da cadeia: José Silveira Vasconcelos, Henrique Pereira e Manoel Gomes da Silva ¹⁶. E foi justamente com a ajuda deles que ela e Pedrão fugiram da cadeia de Campina Grande, pegaram o rumo de Juazeiro da Bahia, mas foram recapturados e trazidos de volta à cidade.

Mas como ela era uma garota de sorte, só cumpriu um ano e dois meses da pena que lhe foi imposta, pois pela resolução do art. 87, n° XIX, da Constituição, Hilda foi indultada de sua sentença, sendo posta em liberdade em 25/06/1947, por ordem do presidente Eurico Gaspar Dutra.

Realmente, *nunca houve uma mulher como Hilda!*

Esse deve ter sido um dos pensamentos do capitão Praxedes, agora, marcado definitivamente pelas garras daquela paraense. Deve ter pensado assim o Major Ademar Nasiasene, que era respeitado por todos os seus subordinados, mas que “perdeu” esse respeito perante as carícias alucinantes daquelas mãos. Deve ter pensado assim Olívio Rique, que apesar de ser homem casado, pai de família, rico comerciante da cidade, deixou-se embriagar pelo odor do pecado exalado daquele corpo moreno. Deve ter pensado assim Pedrão, que encontrou não só uma parceira, mas uma incondicional amante. Por fim, os carcereiros Henrique, Manoel e José Silveira também devem ter pensado assim, quando sentiram o gosto e o prazer de terem seus desejos saciados.

Mas nenhum deles a conseguiu para sempre, porque todos sabiam que ela era de todos e de ninguém ao mesmo tempo. Certamente, em algum momento de suas vidas, eles devem ter recordado aquela canção cantada pelo “cantor das multidões”, quando

¹⁵ Sobre o conceito de sexualidade plástica ver GIDDENS, Antony. *A Transformação da Intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.

¹⁶ Ação criminal n° 2964, réus José Silveira Vasconcelos, Henrique Pereira e Manoel Gomes da Silva, acusados de facilitação de fuga de Hilda Magalhães Paiva e Pedro Alves de Lima, vulgo “Pedrão”, maço 06/01/1946 a 26/07/1946. A fuga do casal se deu na madrugada de 14 para 15 de maio, antes de Hilda ser transferida para João Pessoa.

dizia que “*A renúncia é um dom / Que eu trago do berço/ Tudo que há de bom / Eu já vi não mereço/ A beleza da vida é sonhar / A tendência da nuvem é passar/ Sendo assim as estrelas do céu / Voltarão a brilhar.*”

BIBLIOGRAFIA

BRETAS, Marcos Luis. **A Ordem na Cidade: O Exercício Cotidiano da Autoridade Policial no Rio de Janeiro 1907-1930**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 5ª. Edição, vol.1, 2000.

_____. **A Invenção do Cotidiano – Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, vol.2, 1996.

CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira. **Mulheres Modernas, Mulheres Tuteladas: o Discurso Jurídico e a Moralização dos Costumes – Campina Grande 1930-1950**. Dissertação de Mestrado em História, UFPE, Recife, Março de 2000.

CIPRIANO, Maria do Socorro. **A Adultera no Território da Infidelidade: Paraíba nas Décadas de 20 e 30 do Séc. XX**. Dissertação de Mestrado em História, UNICAMP, Campinas, 2002.

ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Èpoque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FREITAS, Renan Springer de. **Bordel, Bordéis: Negociando Identidades**. Petrópolis: Vozes, 1985.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre. **O Doce Veneno da Noite: Prostituição e Cotidiano em Campina Grande (1930-1950)**. Campina Grande: EDUFCG, 2008.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

_____. **Do Cabaré ao Lar – A Utopia da Cidade Disciplinar (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROBERTS, Nickie. **As Prostitutas na História**. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.

SOUSA, Fábio G. R. Bezerra de. **Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande 1920-1945.** Tese de Doutorado em História Social, UNICAMP, Campinas, 2001.

SOUSA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965).** Tese de Doutorado em História, UFPE, Recife, 2002.

SILVA, Alômia Abrantes da. **As Escritas Femininas e os Femininos Inscritos: Imagens de Mulheres na Imprensa Parahybana nos Anos 20.** Dissertação de Mestrado em História, UFPE, Recife, 2000.

SILVA, Keila Queiroz e. **Entre as Normas e os Desejos: as mutações do feminino e do masculino em 50, 60 e 70 na Paraíba.** Mestrado em História, UFPE, Recife, 1999.